

Fragmentos sob Fragmentos

A aura reencontrada



Eder Fonseca*

“Então, meu coração também pode crescer.
Entre o amor e o fogo,
entre a vida e o fogo,
meu coração cresce dez metros e explode.
– Ó vida futura! Nós te criaremos.”¹

Realinhar a espinha dorsal que pelo cotidiano se entorta; alterar a percepção olfativa buscando as fragrâncias antes mesmo delas chegarem às narinas; remodelar a respiração - nos parâmetros do ioga; dilatar as pupilas a fim de torná-las aptas a enxergarem o que subvive no dia-a-dia. Os suspiros e espasmos cotidianos nascidos nos intervalos de um acaso e outro, entre um fragmento de contato e outro, entre uma palavra e outra não dita nesses acasos e fragmentos de contatos: o que sempre está a escapar. O que não se fixa, o que não se materializa, o que não se palpa. Um pedaço-de-outro morando na parte dos sentidos destinada ao que não pode ser vislumbrado, a esperar por ser posto nas palmas da mão. Linguagem formada por verbos e adjetivos e substantivos que denotam o inominável: correr, fugir, escapar, pensar, líquido, efêmero, incomunicável, palavra, fragmentos, ruídos, ruínas, tintas, caneta, telas, desenhos, rabiscos, etc.

A realidade, essa mística confluência de tudo aquilo intuído (sentido), que eleva a temperatura da carne, faz aumentar o contato da pele com o ar na busca de um maior atrito com o externo, se espalha por todo o corpo em infinitas frações de sensações, que não se aloja em nenhum pensamento, que furta das palavras seus sentidos e as torna esvaziadas; dilui-se na finitude da percepção descuidada os registros do tempo de uma massa só (sem divisão cronológica), que por não ser captado, parece alheio, desconexo, infinito. A realidade se fragmenta, os fragmentos dissolvem o eu (aqueles formando este): movimento que faz o eu e o outro parecerem duas instâncias incomunicáveis. Abarcar o todo, por um instante que seja, com o toque da ponta do dedo indicador; não deixar que os signos pululem cada um para um canto, estilhaçando o presente, perdendo-se em cacos-de-agora de tal modo a nunca mais serem reagrupados. Os fragmentos de cidade, de gente, de automóveis, de ambulantes, de livros, de versos, de traços, de rostos, de músicas, fincados na memória da carne que um naco pedaço de alma (e sossego) tiram, arrancando a aura, tais quais na Paris de Baudelaire.

¹ Trecho do poema Mundo Grande: Carlos Drummond de Andrade.

Arranjos de palavras (a literatura), arranjos de palavras em melodias (a música), uma imagem descolada do fluxo temporal convencional (fotografia), o recorte do presente em movimento (o cinema), o concreto e o aço modelados (a arquitetura), o dia-a-dia (as pessoas) ou as pinceladas de tinta tatuadas no papel, as mais artísticas, captam aquilo que escapa o tempo todo, gerando um arremesso que recoloca o corpo até então desorbitado no movimento gravitacional reordenado, sustentando a si mesmo e os outros.

A arte contemporânea exprime o fragmento, o estilhaço, o escape, a sensação de emudecimento do sujeito diante do mundo, que olha para todos os lados, como se as mãos atadas estivessem, os olhos cegados, os ouvidos moucos, sem que seja possível apontar objetos e denominá-los, o fazendo correr, e correr, e correr... O infinito que se abre na modernidade devido à secularização do mundo e à divisão de um todo hermético em subjetividades, que abre possibilidades de desenhar o singular na tela do tempo e espaço com tintas de serotonina, mesmo que num primeiro momento apareça como aquilo que causa todo esse "desconforto" (quando analisado descuidadamente) diante do mundo, como se este não pudesse mais ser captado, ao contrário, em consonância com o movimento de apreensão do mundo dos românticos alemães do círculo de Jena², a infinitude é o que torna o mundo mágico, no qual reside a própria possibilidade de captação, o próprio movimento que permitirá, quem sabe, sucessões de arrebatamentos estéticos cotidianos. Observar o mundo: "O processo de observação é ao mesmo tempo um processo subjetivo e objetivo, um experimento ao mesmo tempo ideal e real"³. Sobrepor retas paralelas, criar ângulos retos nas linhas do círculo.

A arte, assim, permite que haja o movimento de reflexão do eu sobre si mesmo, que capta o presente na sua totalidade (ainda que de modo infinito e sempre recombinado), para num segundo momento começar o movimento novamente, ei-lo: sensação de incompatibilidade perante o outro, sensação de corpo que se estranha com os pensamentos, captação da realidade, reflexão, arrebatamento estético. A percepção do mundo deve ser moldada a cada passo, num movimento constante, no qual a consciência (transformada em consciência de si e do mundo) se volta para si mesma, se reflete e se recomeça, incessantemente.

A obra de Antônio Augusto Bueno nos proporciona entrar na concretude do mundo, nesse movimento não estanque que pega o mundo, coloca-o no eu (e coloca o eu no mundo, fazendo com que eu e mundo sejam um terceiro corpo indiscernível), e o faz virar sobre si mesmo; numa imagem, com linhas que criam espaços para o arremesso do corpo, descarrega-se no sujeito uma sensação de inexplicabilidade do que não pode ser dito, arremessando-o para o próprio uno do mundo, para o espaço do tamanho de um átomo que de repente, assim, o faz caber, afetando a reflexão e percepção, empurrando-o novamente num outro estágio para a captação do mundo.

A sensação diante daquilo que não se consegue explicar, na contemplação da arte, na verdade, é a própria sensação do explicado, que por ser injetado no sujeito com

² August Schlegel, Friedrich Schlegel e Novalis.

³ Seligmann-Silva, Márcio. Ler o Livro do Mundo. São Paulo, Iluminuras: São Paulo, 1999. Citando (com tradução própria) Novalis.

tamanha intensidade, não precisa ser tornado fala. O emudecimento enquanto fala da fusão entre o eu e o mundo. A sensação de infinito alojada nas suas linhas, que ao tocarem as nossas linhas e o nosso infinito, se unem, de mãos dadas, e nos proporcionam êxtase.

Os seus traços ora sobrepostos, ora desencontrados, que transbordam da sua própria tela e nos faz tela para sua continuação, aparentemente jogados no papel de maneira desalinhada, são as próprias linhas diárias que se desenham emaranhadamente e correm e saltam com vida própria, resultado das conexões diversas, do movimento ininterrupto do choque dos corpos, sem ponto de partida nem de chegada.

Quer-se a explicabilidade una e acabada do mundo, o que resultaria no contentamento do sujeito? Não, quer-se cada vez mais e mais esse movimento de incompreensão e compreensão, para sempre retornar ao estágio primário – este, morada do que está a escapar. Se em outras épocas as artes tendiam a condensar o mundo, tornando-o finito, a arte contemporânea, essa mesma da qual Antonio faz parte, diz-sim ao indivíduo, diz-sim ao uno, diz-sim à infinitude da vida, buscando um arrebatamento atrás do outro, não para findar o indivíduo, mas para que cada vez mais o eu possa mergulhar no infinito dos acontecimentos, e vislumbrá-lo, tateá-lo com as pontas dos dedos, deixando gravadas digitais singulares; mesmo que não seja possível apontar em que momentos eles se darão; mesmo que sejam eles infinitos.

Tatuagem do infinito na própria carne e o que aparentemente nunca poder ser traduzido; “atualizar sua potência [a da vida] implícita na superfície explícita de nosso corpo rotineiro.”⁴; não nos afogarmos na profusão do cotidiano, ao contrário, deixarmos o cotidiano nos inundar os próprios pulmões. Essas são as marcas da obra de Antonio.

* **Eder Fonseca** é graduando em Filosofia pela Universidade Estadual de Londrina (Paraná). Mantém um site pessoal no endereço: www.eder-fonseca.com.br. Tem seus ensaios e poemas publicados em diversos sites e revistas de literatura. (eder.fonseca@ymail.com)

⁴ Pucheu, Alberto. Pelo colorido, para além do cinzento. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2007.